O TEA E SUA INCLUSÃO NAS ESCOLAS: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA

ROSILANE BRANDÃO TANAKA

RESUMO

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição que apresenta graus variados de comprometimento para cada indivíduo. A conscientização dos educadores sobre essa condição pode ampliar as oportunidades de aprendizagem de indivíduos com TEA. Esse artigo tem como objetivo apresentar sugestões que favoreçam a promoção do bem-estar infantil no ambiente educacional, especialmente nas situações específicas das necessidades educativas especiais associadas ao transtorno do espectro autista. O TEA, de modo geral, representa um distúrbio do desenvolvimento neurológico que engloba determinados padrões de conduta, dificuldades crônicas na comunicação e interação social, comportamentos repetitivos e restritivos, os quais afetam o funcionamento convencional. Essas características frequentemente acarretam obstáculos no processo de aprendizagem, resultando em exigências educativas especiais que demandam atenção diferenciada por parte do corpo docente da instituição de ensino, uma vez que podem ocasionar atrasos na conquista de marcos educacionais, como a alfabetização. Essas considerações estão alinhadas com a ambiguidade intrínseca ao conceito do bem-estar infantil, que possibilita sua elaboração de acordo com as circunstâncias específicas de cada caso, como será detalhado adiante. É crucial ter em mente que, para assegurar o acesso à educação, é imprescindível considerar os processos de aprendizagem que fundamentam a prática educativa, pois tais processos são inerentes à condição humana e podem ser enriquecidos e estimulados por meio do sistema cultural conhecido como educação. O fato de que a base da educação reside na aprendizagem indica que a educação possui uma legitimidade ética, filosófica e científica incontestável, sendo por essa razão que o direito à educação não apenas representa uma salvaguarda para a humanidade, mas também um alicerce para o progresso.

Palavras-chave: Aprendizagem; Educação; Humanidade.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde [OMS] (2021) define o termo transtorno do espectro autista (TEA) como “um grupo de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama restrita, estereotipada e repetitiva de interesses e atividades” (parágrafo 6). É reconhecido como um transtorno com base nos diferentes sintomas que cada indivíduo pode apresentar.

O autismo é um tema de debate em diversas disciplinas. Desde 1911, a definição de autismo evoluiu (Villeda & García, 2019). No final da década de 1980, a posição de ser visto como uma doença ou deficiência foi questionada pela comunidade do espectro autista. Propostas recentes incluem o termo neurodiverso : “O movimento da neurodiversidade evita linguagem negativa, como transtornos, déficits e deficiências, e prefere descrições do autismo como um modo de ser” (Kenny et al. , 2015).

Um dos principais desafios enfrentados pela comunidade com TEA é a inclusão social, visto que indivíduos com essa condição apresentam padrões comportamentais específicos, bem como déficits na comunicação e na interação social.

A discriminação, por sua vez, desempenha um papel importante nas diferentes dimensões da capacidade de uma pessoa desenvolver suas habilidades. Em 2015, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), juntamente com autoridades de organizações multilaterais, o governo, representantes da sociedade civil, do setor privado e profissionais do ensino, emitiu a Declaração de Incheon. Ela apresenta uma nova visão para a educação para os próximos 15 anos e propõe esforços crescentes para "ter acesso a uma educação de qualidade, inclusiva e equitativa, e a oportunidades de aprendizagem ao longo da vida" (UNESCO, 2015).

Os professores são, de fato, o principal meio que pode tanto facilitar quanto dificultar a educação inclusiva. Eles precisam assimilar e compreender as características da criança para individualizar suas estratégias de ensino.

A inclusão de estudantes com Transtornos do Espectro Autista requer abordagens educacionais e teorias que possibilitem uma resposta completa às suas necessidades de aprendizagem e motivações essenciais, sob o risco de comprometer seu progresso cognitivo, emocional e volitivo.

Para conduzir a avaliação diagnóstica do TEA, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - 5ª edição (DSM-V) estipula os seguintes critérios: dificuldades persistentes na interação social e comunicação; déficits na reciprocidade social e emocional; ausência de habilidades em comunicação não verbal; dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos apropriados ao desenvolvimento; comportamentos repetitivos e restritos; e outras características associadas à falta de interesse social, reatividade reduzida e escassa imitação. É ressaltado que o grau de adaptação da criança com essas características a diferentes ambientes é um dado crucial para um diagnóstico eficaz (ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA, 2013).

A relevância da aplicação desses critérios para o diagnóstico do TEA em escala global é incontestável, uma vez que eles promovem consenso entre as comunidades científica e clínica.

Os transtornos do espectro autista e os distúrbios globais do desenvolvimento englobam uma ampla gama de condições cognitivas e neurocomportamentais que apresentam características nucleares de dificuldades na socialização, padrões de comportamento rígidos e repetitivos, e alterações na comunicação verbal e não verbal. Esses domínios afetados representam obstáculos para as crianças com TEA, os quais, se não tratados, podem prejudicar sua educação e integração escolar.

A EDUCAÇÃO E AS TECNOLOGIAS COMO ALIADAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O desenvolvimento de práticas mais inclusivas na educação envolve muitos desafios na maioria dos países ao redor do mundo. Nos países em desenvolvimento, o foco está nas crianças, enquanto nos países desenvolvidos, o desafio está nos jovens que abandonam a escola com notas baixas. Consequentemente, tem havido maior interesse na educação inclusiva: à medida que se avança no tema, surgem mais questões sobre como tomar medidas em políticas públicas e procedimentos para alcançar tal inclusão. As escolas devem responder às demandas da sociedade, portanto, deve haver uma liderança eficaz que seja aplicada de dentro e que possa ser estendida dentro de seu contexto por meio da aplicação de padrões com perspectivas colaborativas e democráticas que apontem para a diversidade.

A educação é um processo que influencia o progresso e o desenvolvimento de uma sociedade como um todo. Dada a importância e a situação atual da educação no Brasil, é necessário melhorar as condições educacionais e repensar o sistema de ensino, bem como otimizar os processos de aprendizagem, implementando melhorias nos currículos e proporcionando maior capacitação ao corpo docente. É necessário um novo processo de aprendizagem que forneça conhecimento adaptado às diversas necessidades de um mundo globalizado. Deve ser mais inclusivo para os alunos e levar em consideração diferentes formas de aprendizagem.

Há alguns anos, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm sido ferramentas essenciais para o desenvolvimento da educação inclusiva na sociedade e desempenham um papel crucial no desenvolvimento individual. Os desafios atuais exigem a integração de todos os indivíduos para uma participação colaborativa que ofereça soluções para os diversos problemas existentes no ambiente. Além disso, a educação inclusiva é um fator-chave no desenvolvimento socioeducacional, pois permite o estabelecimento de estratégias bem fundamentadas para superar as barreiras de discriminação existentes, como exemplificado por projetos de formação.

Dessa forma, para enfrentar os desafios atuais, é essencial encontrar estratégias de liderança e as ferramentas ideais para que os professores atendam às necessidades

educacionais. Trata-se de ir além da mera aprendizagem e buscar o desenvolvimento integral.

A atitude do professor é crucial no processo de inclusão escolar; portanto, a análise de suas percepções, atitudes e expectativas é muito importante para o desenvolvimento bem-sucedido da educação inclusiva para crianças com TEA.

É claro que existem vários casos de sucesso em educação inclusiva. Alguns deles ocorreram até mesmo em escolas de ensino médio, onde, apesar da falta de tratamento especial em termos de infraestrutura, planejamento ou formação de professores, pessoas com deficiência não são privados da oportunidade de participar. Com base no exposto, é possível implementar diversas estratégias de liderança para inclusão em ambientes escolares adversos.

Atualmente, embora se observem grandes avanços nesta área graças às políticas e leis que visam alcançar o acesso universal à educação básica, ainda existem fatores que não permitem a devida equidade, qualidade e acesso à educação.

O processo de inclusão de alunos com TEA no ensino fundamental tem revelado, na prática e nos resultados, diversas limitações em termos de infraestrutura e estratégias de liderança. Alcançar uma inclusão adequada nas instituições educacionais requer a colaboração de atores políticos, educacionais e sociais que facilitem o estabelecimento de sociedades plenas.

VYGOTSKY E A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA

Lev Semyonovich Vygotsky (1886-1934) é uma figura proeminente na história da psicologia devido à singularidade e à agudeza de suas ideias nos campos da educação e do desenvolvimento holístico da personalidade. Ao longo de sua breve existência, suas múltiplas contribuições ofereceram uma abordagem abrangente para compreender a atividade cognitiva, afetiva e volitiva humanas em um período marcado por uma profunda crise nas ciências psicológicas, quando o reducionismo era predominante.

Suas ideias fundamentais mantêm sua relevância nos dias de hoje e se estendem por várias áreas do conhecimento e da atividade social, especialmente em relação às mudanças na educação ocorridas em diversos países para refletir o desenvolvimento social contemporâneo. Em particular, suas contribuições teóricas parecem alcançar seu auge nas pedagogias inclusivas que assumem o compromisso social de educar crianças com necessidades educacionais especiais.

Nos tempos atuais, a educação inclusiva, conforme conceituada por Ainscow (2015), é vista como um processo criativo e inovador destinado a promover a presença, a aprendizagem significativa e a participação ativa de todas as crianças no ambiente educacional regular, especialmente daquelas em risco de exclusão devido às suas interações sociais ou características biológicas e sociais. A noção de um modelo educacional que combata a exclusão não é nova, mas é justo dizer que, se alguém pensou com clareza nesse sentido, foi Vygotsky.

As ideias de transformação educacional foram concebidas por Vygotsky no início do século XX. Em relação à educação de pessoas com deficiência, ele afirmou:

Aqui, elas não apenas não se desenvolvem, mas atrofiam sistematicamente as forças da criança... Esta escola aumenta a psicologia do separatismo; em sua totalidade, é antissocial e fomenta um espírito antissocial. Somente uma reforma radical de toda a educação em geral oferece uma saída. (VYGOTSKY, 1995, p. 98).

Em consequência, poderíamos afirmar que Vygotsky foi um pioneiro da educação inclusiva ou, se preferirmos, um dos primeiros pensadores dispostos a trilhar o caminho em direção à integração.

No contexto da educação inclusiva, indivíduos com Transtorno do Espectro Autista continuam a necessitar de estratégias psicopedagógicas que permitam a estimulação adequada de seu desenvolvimento psicossocial o mais cedo possível, visando direcionar seu comportamento restrito e estereotipado para uma trajetória de desenvolvimento mais adaptativa e funcional (ADAMS, ET AL., 2019).

O TEA é uma condição de neurodesenvolvimento cada vez mais prevalente que acarreta alterações persistentes em áreas cruciais

do desenvolvimento, como reciprocidade social, comunicação verbal e não verbal, comportamento e interesses. A implementação de práticas inclusivas em ambientes educacionais precisa levar em consideração essas características desenvolvimentais. Assim, é essencial promover uma série de iniciativas para superar as barreiras e os mecanismos que impedem a promoção de uma cultura que facilite a adoção dessas práticas e, consequentemente, promova o desenvolvimento e o bem-estar dessas crianças.

Nesse contexto, a adoção da abordagem histórico-cultural pode contribuir para alcançar esse objetivo, pois, ao adotar uma perspectiva integradora do desenvolvimento humano, ela oferece a oportunidade de abordar de maneira abrangente as particularidades dos comportamentos autistas em diversos contextos (escolar, familiar e comunitário).

Compreender "a história do desenvolvimento cultural da criança normal e anormal como um processo único por sua natureza e diferente por sua forma de ocorrer" (VYGOTSKY, 1987, p.106) é uma base sólida para atuar na área educacional com pessoas com TEA, pois não rotula sua condição neurobiológica e considera seu desenvolvimento como um processo em constante evolução.

A teoria da aprendizagem e do desenvolvimento de Vygotsky exerceu particular influência em diversas áreas da psicologia evolutiva (como pensamento e linguagem, a interação entre o cognitivo e o afetivo, entre outros). Seu princípio fundamental é que aspectos sócio-históricos moldam a configuração da psique humana. Essa perspectiva evolutiva guiou as várias ramificações de sua análise genética (incluindo a genética comparativa e o método experimental-evolutivo), destacando que o comportamento humano só pode ser compreendido através do estudo de suas etapas e dos múltiplos movimentos que o compõem, ou seja, sua história.

Nessa ótica, as particularidades da estrutura mental dos indivíduos só podem ser compreendidas ao considerar o modo e o momento de intervenção durante seu desenvolvimento. Portanto, a evolução gradual da psique humana ao longo do tempo e a chave para entender possíveis singularidades dessa evolução residem na vida sociocultural dos seres humanos desde seus primeiros contatos com o mundo (CARRERA & MAZZARELLA, 2001).

Para investigar os processos que dão origem à subjetividade humana, Vygotsky empregou seu método de análise genética em quatro áreas cruciais do desenvolvimento: a filogenética, que abarcava a formação complexa de funções psíquicas superiores exclusivas dos seres humanos; a histórico-sociocultural, apontando sua influência e determinação na regulação do comportamento social; a ontogenética, momento em que as duas linhas distintas de desenvolvimento (biológico e social) se sobrepõem, atuando de forma dinâmica e simultânea; e a microgenética, referente às especificidades da formação dos processos psicológicos de curto prazo.

Dessa maneira, Vygotsky buscava abordar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e volitivo da criança de maneira holística, afastando-se das abordagens reducionistas predominantes na psicologia de sua época. Com suas contribuições, o estudo do desenvolvimento humano passou a ser analisado de forma abrangente e dinâmica, onde todas as funções psicológicas superiores eram vistas como resultado do desenvolvimento social, e não do desenvolvimento biológico, embora este último servisse como base para a multiplicação e formação do caráter social.

Essa visão holística do desenvolvimento pode auxiliar na identificação e compreensão das motivações fundamentais de indivíduos com TEA. Apesar das inúmeras mudanças nas abordagens diagnósticas e terapêuticas, na prática, o diagnóstico e o cuidado do TEA ainda são influenciados por uma visão tradicional, enraizada em uma concepção biológica do desenvolvimento psicológico, frequentemente marcada por uma tendência à rotulação. Segundo a perspectiva vygotskyana, essa abordagem dificulta uma análise abrangente, ao presumir que cada indivíduo é único e singular, revelando as características de seu desenvolvimento pessoal em um contexto histórico e cultural específico.

Na visão de Vygotsky, concentrar-se exclusivamente na adaptação da criança em diferentes contextos como o principal desafio não contribui para o desenvolvimento de suas potencialidades por meio da ação educativa. Além disso, negligencia o papel da co-

munidade na promoção da socialização e na necessidade de educar de forma coletiva a criança, a família e a comunidade para uma interação comunicativa e social adequada (AGUIAR ET AL., 2016).

Para Vygotsky, os alicerces de nosso sistema neurobiológico e a vasta gama de fenômenos sociais que caracterizam nossa vida em sociedade estavam intrinsecamente ligados e marcados por um desenvolvimento dialético no qual os aspectos sociais se tornavam cruciais e determinantes. Essa relação dinâmica, que em determinados estágios do desenvolvimento seguia caminhos paralelos, adquirindo força e uma singularidade especial em sua complexa união, dava origem às funções psíquicas superiores características do ser humano. Assim, para Vygotsky, "...o sujeito humano ao nascer herda toda a evolução filogenética, porém o resultado final de seu desenvolvimento dependerá das características do ambiente social em que vive" (VYGOTSKY, 1989, p. 57).

Consequentemente, os processos psíquicos superiores são uma categoria resultante da inter-relação entre o biológico e o social. Ou seja, o desenvolvimento do psiquismo de uma pessoa e as especificidades que a tornam um ser único e irrepetível são condicionados pelo desenvolvimento e pelas qualidades da estrutura orgânica, que refletem as condições socioculturais em que se formam. Por essa razão, a subjetividade humana abrange as particularidades do mundo que a cerca, mantendo-se autônoma.

Ora, se os diferentes aspectos da atividade psíquica são produto de uma evolução filogenética e ontogenética determinada pelo desenvolvimento social, no caso de crianças com TEA, é necessário mencionar que as anomalias estruturais do desenvolvimento neurológico afetam a função sináptica e o padrão de conexão dos circuitos cerebrais, limitando em proporções variáveis a apropriação da experiência social em períodos sensíveis do desenvolvimento, o que ocasiona o amplo espectro de características típicas de pessoas autistas em relação às funções psíquicas superiores.

Essa forma de compreender o desenvolvimento humano é um excelente ponto de partida teórico para métodos de ensino inclusivos que buscam aprimorar a educação integral de crianças com TEA. Em outras palavras, não se trata de abordar superficialmente ou minimizar as condições biológicas, que constituem uma inquestionável força problematizadora no TEA, mas sim de partir da ideia de que nenhuma herança é fatal e que, com o apoio social adequado, o curso das habilidades cognitivas e emocionais pode ser modificado em direção a uma trajetória mais adaptativa.

Dentro dos postulados da abordagem histórico-cultural, a integração dos processos cognitivos e afetivos em formas complexas de organização da personalidade humana assume especial relevância. Pensar essa unidade como um processo dialético permite a Vygotsky destacar a importância de superar:

> A análise metafísica isolada do intelecto e do afeto como essências independentes, reconhecendo sua conexão e unidade internas, e libertando-se da perspectiva da relação entre intelecto e afeto como uma dependência unilateral e mecânica do pensamento e do sentimento. (VYGOTSKY, 1989, p. 227).

Dessa maneira, Vygotsky reconhece que o desenvolvimento da cognição e das emoções é interdependente de forma processual, desempenhando um papel substancial na formação da personalidade da criança. Esses aspectos não devem ser abordados pelas ciências psicológicas como entidades separadas que se organizam e se potencializam de modo independente, mas sim como um processo que resulta em formas complexas de organização. Do ponto de vista da neurociência, essa inseparabilidade dos processos cognitivos e emocionais se baseia em associações dinâmicas que envolvem diversas áreas e conexões cerebrais, nenhuma das quais deve ser categorizada exclusivamente como emocional ou cognitiva (PESSOA, 2008).

A unidade do cognitivo e do afetivo, como princípio vygotskiano, é evidente na personalidade de crianças com autismo. O TEA, um transtorno do neurodesenvolvimento, afeta a utilização da cognição e das emoções em diferentes graus durante a aprendizagem e a interação. Por exemplo, indivíduos autistas encontram dificuldades em interpretar os estados emocionais dos ou-

tros e em demonstrar empatia em resposta às suas experiências. Essas dificuldades não são apenas cognitivas ou emocionais; o aspecto cognitivo tem implicações emocionais, e vice-versa; problemas emocionais têm implicações cognitivas.

Para Vygotsky, o ensino e o desenvolvimento estão intrinsecamente ligados, porém ele salientou em seus escritos que o ensino direciona, guia e potencializa o desenvolvimento. Ao destacar o ensino como um impulsionador do desenvolvimento, ele converte a educação em uma ferramenta poderosa que promove a colaboração e o trabalho interdisciplinar.

Com base nessa abordagem, pode-se afirmar que o ensino se torna uma verdadeira ferramenta de aprimoramento quando antecipa estrategicamente o desenvolvimento. Nesse contexto, Vygotsky (1987) considera que:

> A educação é o domínio engenhoso dos processos naturais do desenvolvimento, ela não apenas influencia alguns ou outros processos de desenvolvimento, mas também reestrutura, da maneira mais essencial, todas as funções comportamentais. (p. 237).

Focar nos aspectos psicológicos e pedagógicos que enriquecem e potencializam o desenvolvimento do aprendiz, em vez de insistir no que ele faz ou deveria fazer para se adequar aos padrões culturais de um determinado momento histórico, é muito mais relevante e impactante.

Nessa perspectiva, o papel das escolas inclusivas como agentes primordiais de socialização e, especialmente, como responsáveis pelo direcionamento educacional dos educadores, torna-se vital para o desenvolvimento cognitivo, emocional e volitivo de indivíduos com TEA. Essa abordagem rejeita a visão fatalista do desenvolvimento e prioriza a importância da interação social como estratégia para o crescimento pessoal. Em outras palavras, as escolas inclusivas devem concentrar-se em identificar e explorar o potencial de desenvolvimento dos alunos autistas, ao invés de reforçar, por meio de práticas inadequadas, as deficiências persistentes que os impedem de interagir com os outros.

Assim, Vygotsky nos conduz a uma questão extremamente relevante atualmente. Ao considerarmos que o componente social é crucial na formação da personalidade e do impacto do ensino no desenvolvimento, entendemos que o percurso da criança com TEA não é apenas moldado pelas mudanças qualitativas inerentes à sua condição neurobiológica, mas também depende significativamente da habilidade das instituições de ensino e dos educadores em oferecer um atendimento de qualidade, proporcionando oportunidades para desenvolver as habilidades sociais essenciais que lhes permitam interagir e se integrar de forma autônoma em diversas atividades educacionais e comunitárias.

A EDUCAÇÃO ESPECIAL E SEUS DESAFIOS

A educação especial enfrentou e continua a enfrentar diversos desafios no campo educacional, tornando complexa a abordagem pedagógica referente à formação profissional que um professor deve possuir ao lidar com mudanças e desafios dentro da sala de aula. A gestão da questão da integração e do desenvolvimento da inclusão educacional apresenta obstáculos significativos, os quais os professores encontram em seu cotidiano e que precisam ser abordados pelo sistema educacional em colaboração com instituições especializadas e não especializadas.

A UNESCO (2020a) destaca a importância de apoiar o acesso e a continuidade no sistema educacional, especialmente para pessoas com deficiência e condições especiais, por meio da implementação de estruturas adequadas e de alta qualidade que permitam o desenvolvimento de suas capacidades e competências. No entanto, vários desafios persistem, como interpretações diversas do conceito de inclusão, falta de apoio por parte dos professores, ausência de dados sobre os excluídos do sistema educacional, infraestrutura inadequada, continuidade de sistemas paralelos e escolas especiais, falta de apoio político e comunitário, financiamento inadequado, governança descoordenada e leis e políticas múltiplas, mas inconsistentes, que não são devidamente aplicadas (UNESCO, 2020a).

Diante desse cenário, o papel dos professo-

res é fundamental para enfrentar os desafios atuais, ressaltando a importância dos padrões de formação como a base da educação inclusiva. Os educadores desempenham um papel crucial no ambiente educacional global, pois são responsáveis por implementar o processo educacional de forma eficaz, desenvolvendo um conjunto de conhecimentos, habilidades e competências essenciais em crianças com necessidades especiais, auxiliando-as na integração social e na interação com o mundo ao seu redor. Ao lidar com a inclusão, é essencial promover mudanças na formação dos professores, visando aprimorar os marcos regulatórios e estabelecer novos padrões de inclusão.

No entanto, a urgência em relação à inclusão demanda que governos e instituições adotem medidas e deem maior atenção à importância e significado da formação de professores para a participação e integração de todos os alunos, independentemente de suas condições ou necessidades, visando promover e aprimorar a qualidade da educação. Apesar dos esforços dos sistemas educacionais para integrar cursos sobre educação inclusiva ou necessidades educacionais especiais, as barreiras sociais ainda persistem. Portanto, é crucial implementar programas de formação de professores e métodos colaborativos para capacitar os educadores a lidar com diversas necessidades educacionais, focando em temas específicos, legislação nacional, organização e práticas pedagógicas (UNESCO, 2020b).

Nos países latino-americanos, a valorização de avanços significativos na educação, com ênfase na diversidade presente nas instituições e salas de aula, é crucial. Essas mudanças positivas têm impulsionado transformações sociais e educacionais positivas, especialmente em regiões onde a pobreza e a escassez de recursos são realidades, refletindo a desigualdade que afeta a região como um todo. Nesse contexto, a importância dos desafios, do acesso e da qualidade educacional é enfatizada. Os educadores desempenham um papel central nesse esforço de atenção e inclusão, uma vez que a sala de aula é um ambiente crucial onde os alunos encontram respostas educacionais adaptadas às suas características e estilos de aprendizagem. Em suma, os professores têm a responsabilidade de integrar os alunos em um ambiente que responda à diversidade em que estão inseridos, proporcionando-lhes oportunidades para crescer e aprender.

No Brasil, a atenção à diversidade e à inclusão desenvolvida nas salas de aula está fundamentada nos princípios da educação para garantir que todos, independentemente de suas condições, sejam atendidos de forma adequada. Por outro lado, na realidade peruana, a concepção de educação inclusiva nem sempre está claramente definida, às vezes sendo vaga e gerando confusões e complicações. Em relação ao desenvolvimento profissional, nem todos os educadores possuem um conhecimento abrangente sobre esse tema. Problemas no sistema educacional podem ser identificados, como a falta de treinamento adequado para os professores atenderem às necessidades dos alunos e as deficiências nas organizações para promover o processo de inclusão, tanto em nível organizacional quanto na sala de aula, parte desses desafios decorre da escassez de recursos e treinamento insuficiente para os professores.

Uma das principais questões que a educação enfrenta é promover a participação e a integração equitativas dos alunos, independentemente de suas circunstâncias. A profissão docente deve ser abordada sob uma perspectiva social, a fim de aprimorar os métodos de ensino e as estratégias pedagógicas adotadas. O desenvolvimento profissional dos professores deve começar desde o início para promover uma compreensão mais ampla do conhecimento científico e cultural, estabelecendo estruturas disciplinares sólidas. A habilidade dos professores em fomentar um senso de inclusão refletirá a capacidade do sistema educacional em lidar com questões relacionadas à inclusão de maneira eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do TEA (Transtorno do Espectro Autista) nas escolas é um assunto de extrema relevância atualmente. O TEA é uma condição neurológica que impacta a forma como uma pessoa se comunica, interage com os outros e percebe o mundo ao seu redor. Na esfera

educacional, é crucial que os educadores estejam preparados para compreender e atender às necessidades dos alunos com TEA, a fim de assegurar um ambiente inclusivo e acolhedor para todos os estudantes.

É fundamental que as escolas adotem práticas pedagógicas inclusivas que levem em consideração a diversidade de habilidades e necessidades dos alunos com TEA. Isso pode envolver a implementação de estratégias de ensino diferenciadas, a utilização de recursos visuais, a adaptação do ambiente físico da sala de aula e a promoção de uma comunicação clara e direta.

Além disso, a colaboração entre educadores, profissionais de saúde e familiares desempenha um papel essencial para garantir o sucesso acadêmico e social dos alunos com TEA. O apoio e a compreensão de todos os envolvidos são fundamentais para criar um ambiente que favoreça o bem-estar e o desenvolvimento pleno desses estudantes.

Ao reconhecer e valorizar a singularidade de cada aluno com TEA, as escolas podem proporcionar experiências educacionais enriquecedoras e significativas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. A educação escolar deve ser um ambiente onde todos os alunos se sintam respeitados, acolhidos e capacitados a alcançar seu máximo potencial, independentemente de suas diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, D., MACDONALD, L., & KEEN, D. (2019). Respostas de professores a comportamentos relacionados à ansiedade em alunos com autismo. Pesquisa em Deficiências do Desenvolvimento, 86 , 11-19.

AGUIAR, G., MAINEGRA, D., GARCÍA, O., & HERNÁNDEZ, Y. (2016). Diagnóstico em crianças com transtornos do espectro do autismo e seu desenvolvimento na compreensão de textos. Revista de Ciências Médicas de Pinar del Río , 20 (6), 63-71.

AINSCOW, M. (2015). Lutas pela equidade na educação: obras selecionadas de Mel Ainscow. Routledge.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. (2013). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Quinta Edição. Associação Psiquiátrica Americana.

CARRERA, B. E MAZZARELLA, C. (2001). Vygotsky: abordagem sociocultural. Educere, 5(13), 41-44.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO]. (2015). Declaração de Incheon: Educação 2030: Rumo a uma educação inclusiva e equitativa de qualidade e à aprendizagem ao longo da vida para todos. Fórum Mundial de Educação 2015. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233137_eng . Acesso em 30 set.2025.

Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2021). Transtornos do Espectro Autista. Disponível em: https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders . Acesso em 30 set.2025.

PESSOA, L. (2008). Sobre a relação entre emoção e cognição. Nature Reviews Neuroscience , 9(2), 148-158.

RIVIÉRE, Á. (1997). O tratamento do TEA como transtorno do desenvolvimento em O tratamento do TEA. Novas perspectivas . Instituto de Migração e Serviços Sociais.

UNESCO (2020a). Relatório de Monitoramento da Educação Global 2020: Inclusão e educação: todos, sem exceção. Disponível em: https://doi.org/10.54676/WWUU8391. Acesso em 23 set.2025.

UNESCO (2020b). Formação de professores para a inclusão: cinco países em três continentes. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373804. Acesso em 24 set.2025.

VYGOTSKY, L. (1987). História do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores. Técnica Científica.

VYGOTSKY, L. (1989). Fundamentos de Defectologia. Obras Completas, Volume V. Pessoas e Educação.

VYGOTSKY, L. (1999). Ferramenta e signo no desenvolvimento da criança. Obras Completas de L. S. Vygotsky, Vol. 6. Kluwer Academic/Plenum Publishers.

VYGOTSKY, L. (2006). Interação entre aprendizagem e desenvolvimento. In A.L. Segarte, compilador. Psicologia do desenvolvimento escolar. Leituras selecionadas. (pp. 45-60). Félix Varela.